



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 10 DE DEZEMBRO DE 1996

Senhores e Senhoras Deputados; Membros do sistema cooperativista; Senhores Parlamentares, especialmente os dois que se manifestaram, o Deputado Carlos Melles e o Deputado Dejandir Dalpasquale;

Acho que o fato de os senhores estarem todos juntos, aqui, com confiança no cooperativismo, no Brasil, é o que conta. Eu me recordo de que, quando estava no Ministério da Fazenda, já havia esse pleito a respeito do banco cooperativo.

Havia muita incompreensão, muita desconfiança – talvez até com algum fundamento nas histórias passadas –, mas eu nunca me conformei, e é verdade que o Xico Graziano foi quem sempre ajudou a que eu não me conformasse. Eu só não sabia que ele não entendia nada de aftosa. Aqui, ele contava sempre que era craque nisso, precisamente.

O fato é que, desde aquela época, eu estava convencido de que teríamos que mudar essa visão de que as cooperativas não podiam existir para o crédito. Em várias partes do mundo há cooperativas de crédito.

É claro que, no Brasil do passado, com muita inflação, era muito difícil. Não foram só os bancos cooperativos: os bancos todos entra-

ram em parafuso, porque houve muito descontrole; os governos também.

Agora estamos vivendo um outro momento do Brasil, de economia estável, de moeda estável. Então, isso permite uma ação mais racional, e, com essa ação mais racional, acho que não há por que não abrir espaço para as cooperativas de crédito.

Mais ainda: o grande problema que enfrentamos hoje, no Brasil, é chegar aos que mais precisam. Os nossos bancos se viciaram, por causa do passado, a emprestar a quem não precisa. O difícil é emprestar a quem precisa, chegar a quem precisa e ter a confiança de que aquele que está tomando o dinheiro vai pagar porque é conhecido; e restabelecer crédito. Crédito é confiança.

Com a inflação desvairada, a confiança foi desaparecendo, os bancos se acostumaram a emprestar ao Governo. Diziam que não confiavam no Governo, mas emprestavam, porque o Governo sempre pagou, essa é a verdade. E as taxas de juros sempre foram lá para cima.

Isso mudou, e vai mudar mais, em termos de taxa de juros. É natural. Na medida em que a economia vai se acomodando, nós vamos, também, reduzindo progressivamente as taxas de juros. Mas temos uma tremenda dificuldade, que é fazer com que haja porosidade no nosso sistema financeiro, para que ele atenda a quem mais necessita.

Tenho dito aqui, em mais de uma ocasião, que não é só no sistema financeiro: no sistema de habitação é a mesma coisa. Nós, hoje, no Brasil, vivemos um momento que começa a ser diferente. O nosso problema vai passar a ser deixar de ter recurso por ainda não termos as instituições e as gestões competentes para fazer com que o recurso chegue na ponta. É um momento novo.

Na Caixa Econômica, já é visível isso. Já temos recurso para saneamento, para habitação e, agora, estamos reconstruindo os canais para que os recursos cheguem àqueles que precisam; e não como no passado – não por culpa de ninguém, mas pela desordem existente –, quando, na verdade, os recursos iam para os governos, que não pagavam, e a Caixa ia à falência; ou para as empresas, que,

muitas vezes, entravam também em processo de falência, elas próprias não pagavam. Agora temos que reconstruir esse sistema.

Ora, neste momento, estamos com o Pronaf, mencionado aí, cuja dificuldade é essa mesma, quer dizer, como fazer o recurso chegar lá. Não adianta vir pedir ao Presidente mais recurso. Não adianta eu pôr o recurso à disposição do banco, se não consegue chegar lá na ponta, a quem precisa.

Neste momento, evidentemente, as cooperativas de crédito podem ser de uma valia imensa, porque é uma forma de popularizar o crédito, de fazê-lo chegar mais próximo daqueles que precisam. Então, isso eu acho muito importante; acho que o trabalho que vocês estão começando a desenvolver é muito importante para o Brasil.

Além do mais, não é só no crédito. O sistema cooperativo é um sistema importante numa sociedade democrática, numa sociedade dinâmica, que não pode estar baseada só nas grandes unidades de produção. Não pode.

Quer dizer, o mundo moderno, ao contrário do que muita gente pensa, não é o mundo das grandes unidades, é mais complicado do que isso. É um mundo em que as grandes unidades só sobrevivem porque há um oceano de pequenas, médias, microempresas. Enfim, é um mundo muito mais diversificado. E é isso que faz, realmente, com que a democracia tenha um significado efetivo, porque também permite que haja demandas mais diferenciadas, etc.

Tudo isso nós estamos começando a viver. Nós vivemos, em outros momentos, tendências nessa direção, que foram obscurecidas pela inflação, por desgovernos e por uma porção de coisas que todos conhecemos. Agora, não: estamos numa fase de construir.

Ora, para construir precisamos somar esforços. Ninguém constrói sozinho. Não dá. Nem o Governo. Tem que haver parceria, estar junto com a sociedade, haver pulverização e, ao mesmo tempo, rumo. Tem que haver, portanto, uma compreensão diversificada do que é o ato de mudar uma sociedade, de governar, que não pode ser pensado como se fosse um ato de império. Não adianta o Presidente querer. Não adianta. É preciso muito mais do que o Presidente para

que as coisas andem. É preciso que haja, realmente, um apoio, uma sustentação e que haja, realmente, mecanismos que permitam fazer com que as decisões cheguem até aonde se deseje. De modo que é fundamental esse apoio de vocês, o fato de as cooperativas estarem, agora, com novas energias.

Espero, também, que nós, progressivamente, tenhamos melhores condições para a agricultura, no seu conjunto. Estamos começando a tê-las. Evidentemente, há fatores que escapam ao nosso controle – preços internacionais, secas –, há muita coisa, no setor agrícola, que não depende só da ação do empresário ou do governante. Mas, pelo menos, naquilo que nós podemos controlar, que é financiamento, momento de liberação do financiamento, assistência técnica, precisamos melhorar o nosso desempenho. Espero que a gente tenha uma recuperação de safra no próximo ano. Ainda assim, é pouco, para as potencialidades do Brasil.

É mais difícil ainda porque, se a produção aumentar muito – e não teremos condições de processá-la, de absorvê-la – muita coisa terá que crescer: sistema de armazenamento, infra-estrutura, estradas, transporte. Enfim, é um processo complexo, não se resolve tudo do dia para a noite.

Acho que uma das maiores dificuldades – ou é sabedoria; depende de quem exerce o governo – é definir a agenda, porque, se você for enfrentar tudo ao mesmo tempo, não faz nada. Então, você tem que definir uma agenda. Quanto ao que estiver fora da agenda, o pessoal reclama, grita, chora, mas a gente não pode se abalar por isso, porque sabe que não tem condições de enfrentar, ainda, aquele problema.

Então, acho que é neste sentido: nada é fácil, mas nós temos uma agenda definida. E, pouco a pouco, a sociedade começa a perceber que as coisas estão acontecendo e vão acontecer. Não está tudo resolvido, longe disso; mas nós estamos nos encaminhando.

Para finalizar, quero dizer o seguinte: para esta caminhada, que não é do Governo, não é do Presidente, é do País, ou nós realmente cooperamos, ou a coisa não vai andar, não vai funcionar. Acho fun-

damental que se tenha essa percepção de que vivemos um momento, no Brasil, em que é preciso convergência.

Há momentos em que é necessário romper. Há momentos em que a sociedade precisa romper, precisa quebrar, precisa de conflito. Mas há outros momentos em que, feitas as rupturas e endereçado um caminho, é preciso que haja a convergência. Nós estamos vivendo um momento em que necessitamos de convergência. De modo que eu preciso realmente de vocês. Se todos cooperarem, o Brasil acha a saída. É exatamente isso.

Então, acho que estamos começando a cooperar, todos; e “todos” inclui o Presidente. Vou tomar conhecimento das reivindicações e de tudo isso, ver o que posso e o que não posso fazer e vou explicar: pode, não pode. Quem sabe eu não saiba como pode: aí, alguém tem que explicar como se faz. É um processo de decisão democrática, que não quer dizer indecisão, mas quer dizer uma decisão informada, e, uma vez tomada, ela tem que ter uma base, não digo de consenso, mas de apoio suficiente para a coisa poder caminhar.

Finalmente, quero retribuir os votos de fim de ano – só agora percebi que nós estamos, realmente, chegando ao fim do ano – e desejar a todos vocês bom Natal e, para todos nós, um excelente Ano Novo.

Muito obrigado.